

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Associação Portuguesa de Estudos Clássicos

**Boletim
de
Estudos Clássicos**

vol. 30

DEZEMBRO 1998
COIMBRA

HILDEGARD VON BINGEN UND IHRE ZEIT; pelo Ensemble de Música Antiga de Augsburg; Christophorus 74584 3/93.

HILDEGARD VON BINGEN (1098-1179). Lieder und Antiphonen; Christophorus CHE 0041-2 11/93.

HILDEGARD VOICE OF THE BLOOD. Sequentia; Deutsche Harmonia Mundi, 05472-77346-2.

HILDEGARD VON BINGEN, HEAVENLY REVELATIONS. Hymns, Sequences, Antiphons, Responds; pela Oxford Camerata sob a direcção de Jeremy Summerly.

HILDEGARD VON BINGEN, O NOBILISSIMA VIRIDITAS; sendo solista principal Catherine Schroeder, Champeaux CSM 006.

HILDEGARD VON BINGEN. Sequências e Antífonas; BMG Catalyst (09026-68329-2); execução de Judith Malafrente.

ANTÓNIO REBELO

CARMINA BVRANA:

BACCHE, BENE VENIES

Apresentei no nº 26 do Boletim de Estudos Clássicos uma modesta introdução às composições poéticas do *Codex Buranus*, o manuscrito medieval descoberto em 1803, que durante 500 anos pertenceu a um antigo mosteiro de São Bento, situado nos Alpes da Baviera, e que Napoleão levou consigo para o Mónaco.¹ Os poemas, conhecidos por *Carmina Burana*, não dispõem ainda de tradução em português, e por isso a sua leitura tem estado limitada apenas a especialistas.

No entanto, desde que Karl Orff compôs as cantatas do mesmo nome, aqueles textos poéticos tornaram-se mais célebres, a ponto de serem vulgarmente identificados com a moderna obra musical. Verdade seja dita, todas estas poesias se destinavam a serem cantadas, embora só trinta nos tenham chegado acompanhadas da respectiva notação musical. Entre estas, encontramos composições de carácter popular e outras mais elaboradas, umas inspiradas nos modos próprios do canto gregoriano, outras concebidas à semelhança da lírica de amor trovadoresca.

Escolheu a interpretação musical de Karl Orff uma das canções mais sugestivas do conteúdo dos novos *carmina*. *In taberna quando sumus*, a que já tive oportunidade de aludir, representa na verdade um vasto grupo de composições (afinal, as mais conhecidas) que exaltam o vinho e o jogo, e que acabaram por caracterizar simbolicamente todo o cancionero.² Por esta razão se tornou comum associar à boémia a vida errante dos pobres estudantes, conhecidos por goliardos. Se bem que a cultura destes homens não se reduzisse às tabernas, com seu vinho,

¹“CARMINA BVRANA: a juventude é tempo para folgedos” *Boletim de Estudos Clássicos* 26 (1996) pp.74-81.

²“CARMINA BVRANA: Exul ego Clericus” *Boletim de Estudos Clássicos* 27 (1997) pp.92-93. Vd. também VELOSO, Teresa, “A importância do vinho na vida académica medieval”, *Revista Portuguesa de História* 30 (1995) pp.103-111, onde se encontra uma tradução integral daquela poesia, da autoria de José Galdes FREIRE.

jogo e mulheres, foram estas canções que mais os celebrizaram.

O leitor mais atento dos *Carmina Burana* pode reconhecer, no entanto, como era também penosa e sacrificada a vida dos *clerici vagantes*.

Como não eram ainda monges nem sacerdotes, estes jovens não tinham muitas vezes quaisquer meios de subsistência. Eram por isso forçados a viver como eternos vagabundos, mendigos das esmolas dos mais poderosos, ou ao serviço de algum senhor — embora sujeitos à jurisdição das sociedades eclesiásticas.

São frequentes, por exemplo, as canções em que um clérigo pobre se dirige a um nobre fidalgo para pedir uma esmola. Um exemplo disso mesmo é a canção *Exul ego clericus*, em que o estudante, quase a deixar os estudos por causa da grande penúria em que vive, pede a um senhor que lhe dê uma capa nova, pois a sua já está tão rota que ele nem consegue ouvir até ao fim o canto de Laudes e Vésperas.³

Era na taberna que estes estudantes esqueciam as dificuldades do presente e, unidos pela comum alegria do vinho, exprimiam protestos irreverentes contra as instituições civis e religiosas do seu tempo, indignas do nome cristão. As canções do vinho e do jogo manifestam um intenso sentimento hedonístico da existência, que não estamos habituados a observar ao considerar os autores da Idade Média.

No entanto, o beber não estava associado a nenhum estado de espírito. Beber era um acto social, intrinsecamente ligado a um lugar — a taberna — e a um grupo. Qualquer que fosse a companhia, na taberna nunca se estava sozinho. Era o lugar do encontro e da festa colectiva, facilmente inspirada na paródia dos ensinamentos pagãos de Epicuro. Era o lugar onde, num fechar de olhos — ou melhor, num golo de vinho — se podiam esquecer as preocupações do dia a dia e reencontrar uma comunhão social sem barreiras. A taberna não era simplesmente uma fonte de prazer. Nela se criava um mundo próprio, onde não cabia o sistema rígido da sociedade feudal. Como no

³Fiz tradução deste poema no Boletim *supra* citado, pp.95-96.

Carnaval se destruíam os velhos valores para, por algum tempo, criar novos, assim dentro da taberna se esbatiam os graus sociais. Poder temporal e espiritual diluíam-se para criar uma espécie de igualitarismo caótico, onde todos se sentavam à mesma mesa e se exprimiam em total liberdade — ou se quisermos em total anarquia.

São muitas as cantigas latinas que testemunham esse aspecto da vida estudantil medieval. Eis pois uma delas: *Bacche, bene venies* (nº 200).

Neste poema o vinho é personificado no deus Baco, que é ao mesmo tempo a paródia do Deus cristão — de quem habitualmente recebia os atributos — e que tem na taberna o seu templo.

Baco torna o homem mais sábio e mais feliz, mais honesto, virtuoso, eloquente e generoso, consola-o nas tristezas e nas dores, e merece portanto o seu louvor. Baco sabe até superar o proibido, e submeter ao amor a mulher que antes se negara. Daí a invocação que é feita a Vénus, estreitamente associada ao deus Baco.

Depois de enumerar as virtudes do vinho, a canção termina com um convite à bebida e ao canto, para louvar os dons de Baco. O brinde final lembra no entanto a doxologia dos hinos litúrgicos, ou não fosse uma poesia de criação eclesiástica.

Embora seja um dos temas mais representativos do imaginário dos goliardos, o motivo dos efeitos do vinho, nomeadamente o motivo do vinho como inspirador da sensualidade do amor, já se encontrava na Antiguidade: em breve alusão no Canto I da *Eneida* (vv.683-685) e mais extensamente na *Ars Amandi* de Ovídio (I, vv.229-234). De igual modo também em Horácio podemos encontrar o motivo do vinho que torna eloquentes os homens: “Fecundi calices quem non fecere disertum?” (*Epist.* I, 5, 19)

Formalmente a composição é bastante simples. Trata-se de um conjunto de dez dísticos acompanhados de um refrão, de versificação silábica, cuja divisão em hemístiquos se desenhou na disposição

gráfica do texto. E por serem versos próprios para serem cantados, a rima tem neles um papel fundamental. O mais desejável seria portanto uma tradução em verso rítmico, tão expressivo como o original, de forma que o seu movimento respeitasse o carácter marcadamente musical da composição. Nem sempre é porém possível obter o mesmo jogo silábico sem recorrer por vezes a repetições ou a acrescentar um ou outro significante neutro, que ajude a compor o verso. Penso, no entanto, que o seu sentido não ficou prejudicado, e que deste modo foi possível respeitar a natureza essencialmente musical do texto.

TEXTO⁴

1. Bacche, bene venies, gratus et optatus,
per quem noster animus fit letificatus⁵.

Istud vinum, bonum vinum, vinum generosum,
reddit virum curialem, probum, animosum.

2. Bacchus forte superans pectora virorum
in amorem concitat animos eorum.

3. Bacchus sepe⁶ visitans mulierum genus
facit eas subditas tibi, o tu Venus.

4. Bacchus venas penetrans calido liquore
facit eas igneas Veneris ardore.

5. Bacchus lenis leniens curas et dolores

⁴O texto é extraído de *CARMINA BURANA. Die lieder benediktbeurer Handschrift*, München, Deutscher Taschenbuch, 1995⁶, que reproduz a edição crítica de O. Shumann, B. Bischoff, *Carmina Burana. Band 1/3: Die Trink-und Spielerlieder. Die geistlichen Dramen. Nachtrage*, Heidelberg, 1970.

⁵Leia-se *laetificatus*

⁶Leia-se *saepe*

confert iocum, gaudia risus et amores.

6. Bacchus mentem feminae solet hic lenire
cogit eam citius viro consentire

7. Bacchus illam facile solet expugnare,
a qua prorsus coitum nequit impetrare

8. Bacchus numen faciens hominem iocundum,
reddit eum pariter doctum et facundum.

9. Bacche, deus inclite, omnes hic astantes
leti⁷ sumus munera tua prelibantes⁸

10. Omnes tibi canimus maxima preconia,
te laudantes merito tempora per omnia.

TRADUÇÃO

1. Bem-vindo sejas, ó Baco esperado e desejado
Pois por ti a nossa alma prova sempre grande agrado

Ref. Este vinho, vinho bom, é vinho de boa cepa
Torna o homem mais gentil, mais honesto e valente

2. Baco domina à vontade dos homens os corações
e arrasta ao amor também as suas paixões

3. Baco desce muitas vezes também às próprias mulheres
e fá-las tuas escravas, escravas tuas, deusa Vénus

⁷Leia-se *laeti*

⁸Leia-se *praelibantes*

4. *Baco penetra nas veias escorre nelas com ardor
e com a chama de Vénus as abrasa de calor*
5. *O doce Baco consola nossas penas, nossas dores
dá-nos festas, alegrias risadinhas e amores*
6. *Baco sabe como entrar no coração da mulher
e logo faz com que ela ao amado se entregue*
7. *Baco vence facilmente até aquelas mulheres
de quem a gente nem sequer ousava esperar prazeres*
8. *Baco, apenas, é o deus que torna o homem contente
e o deixa ao mesmo tempo sabichão e eloquente*
9. *Ó Baco, deus glorioso, todos nós que aqui estamos
sentimos grande alegria e com os teus dons brindamos*
10. *Todos juntos te cantamos uma canção que te agrade
Com justiça te louvamos por toda a eternidade.*

MARGARIDA MIRANDA

LATIM RENASCENTISTA